

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

RESIGNIFICANDO A PAISAGEM INDUSTRIAL ATRAVÉS DE PRÁTICAS CRIATIVAS: O CASO DO IV DISTRITO DE PORTO ALEGRE

**SESSÃO TEMÁTICA: PAISAGEM COMO CONSTRUÇÃO COLETIVA: UM
PROJETO INCONCLUSO**

Carolina Gallo Garcia

Programa de pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional (UFRGS)
carolinagarcia3@gmail.com

Renata Carrero Cardoso

Programa de pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional (UFRGS)
renata.cardoso@ufrgs.br

RESIGNIFICANDO A PAISAGEM INDUSTRIAL ATRAVÉS DE PRÁTICAS CRIATIVAS: O CASO DO IV DISTRITO DE PORTO ALEGRE

RESUMO

Os movimentos urbanos de retomada de áreas centrais e pericentrais das grandes cidades, outrora abandonadas e negligenciadas pelo mercado imobiliário e poder público no decorrer dos processos de desindustrialização operam, atualmente, a partir de mudanças valorativas, a instauração de novos referenciais estéticos, de estilos de vida e padrões de domesticidade. A aceitabilidade pelo mainstream produz novos conjuntos de valores sociais e culturais da cidade, que se refletem em mudanças paradigmáticas nas formas de consumo e de apropriação do espaço intraurbano, resultando em transformações significativas para a construção e percepção da paisagem (BERQUE, 1998; COSGROVE, 1998).

Cases de referência permitem-nos afirmar que jovens profissionais urbanos, categorizados sob o conceito da classe criativa (FLORIDA, 2011[2002]), com frequência tomam a frente nos processos de resignificação e legitimação simbólica de áreas industriais esvaziadas, o que evidencia a importância e o valor econômico de suas atividades na transição da era industrial para a era da economia do conhecimento, apoiados fortemente no desenvolvimento do setor de serviços e na demanda por produtos com alto teor simbólico e elevado valor econômico. Estabelecem-se assim, portanto, as bases para uma forma de intervenção no território impulsionada pelo capital cultural, capaz de promover a transformação radical de uma paisagem urbana de produção em uma paisagem de consumo (ZUKIN, 2000). Neste trabalho, buscaremos verificar mudanças na paisagem e nas suas formas de fruição, colocadas em marcha no atual processo de requalificação do chamado IV Distrito da cidade de Porto Alegre a partir de uma análise do bairro Floresta. Ainda, buscou-se depreender em que medida as práticas criativas sobre determinado território detêm a capacidade de produzir novos valores sociais e econômicos a elementos constituintes da paisagem urbana, testemunhos de um estágio de desenvolvimento técnico da sociedade, próprio de um tempo histórico passado.

Palavras-chave: Paisagem. Pós-industrial. Capital simbólico. Classe Criativa.

RESIGNIFYING LANDSCAPE INDUSTRY THROUGH CREATIVE PRACTICES: THE CASE OF PORTO ALEGRE IV DISTRICT

ABSTRACT

The urban movements for recovery of central and pericentral areas of large cities, once abandoned and neglected by the real estate market and government in the course of de-industrialization processes operate currently from evaluative changes with the introduction of new aesthetic patterns, lifestyles and domesticity standards. The acceptability by mainstream classes produces new sets of social and cultural values of the city, which are reflected in paradigmatic changes in the forms of consumption and appropriation of intra-urban spaces, resulting in significant changes in the construction and perception of landscapes (Berque, 1998; Cosgrove, 1998).

Some cases allow us to say that young urban professionals, categorized under the concept of the creative class (FLORIDA, 2011 [2002]) often take front on reframing processes and symbolic legitimation of deflated industrial areas, which highlights the importance and the economic value of their activities in the transition from the industrial era to the knowledge economy, strongly supported by the development of the service sector and the demand for products with highly symbolic content and highly economic value. They establish the basis for a form of intervention in the territory driven by cultural capital, capable of promoting radical transformation in the urban landscape of industrial production into a consuming landscape (Zukin, 2000). In this work, we will seek to verify changes in

the landscape and in their forms of enjoyment set in motion in the current upgrading process in the IV District of Porto Alegre from the analysis of the Floresta neighborhood. Still, he sought to deduce to what extent creative practices on a given territory hold the ability to produce new social and economic values in elements of the urban landscape, evidencing the development of society as a past historical time.

Keywords: Landscape. Post-industrial. Symbolic capital. Creative Class.

1. INTRODUÇÃO

O contínuo investimento do poder público e capital privado na (re)ocupação de paisagens urbanas degradadas através de atividades vinculadas à cultura e criatividade destaca-se em diversos discursos na discussão sobre cidades contemporâneas ao redor do mundo. Por sua vez, as novas sociabilidades impressas nestes territórios nomeados “criativos” incitam ao debate questões de valorização do tecido urbano por meio de novas significações simbólicas performadas pelo acúmulo de capital cultural que se reflete, frequentemente, em uma valorização econômica.

Em sua pesquisa no bairro SoHo de Nova Iorque, Zukin (1989) verificou o efeito da desindustrialização urbana na região, anteriormente ocupada por pequenas fábricas têxteis, que resultou numa abundante oferta de imóveis disponíveis no centro da cidade. A área logo foi ocupada por artistas atraídos pela desvalorização fundiária, e transformavam os *lofts* fabris a partir de uma nova concepção de domesticidade: os ateliês residenciais, rompendo a lógica suburbanizadora norte-americana de apartar trabalho e moradia.

Tal retomada do centro promoveu uma transformação da dinâmica urbana, o que não tardou a chamar a atenção por sua proposição de um novo estilo de vida permeado por uma estética artística. Os meios de comunicação de massa se posicionaram ativamente na disseminação de retóricas de “renovação” que incentivavam a aceitação destes novos padrões de vida urbana fora dos subúrbios: a emergência dos novos conjuntos de valores sociais, estéticos e culturais resultam não apenas na aceitação do *lifestyle* artístico nos híbridos *lofts*, mas também os torna desejados pela classe média nova-iorquina.

Este cenário resulta em processos de assimilação de um novo padrão cultural promovido pela classe artística, e o efeito desta passou a refletir diretamente na valorização fundiária, que atrai moradores da classe média, boutiques e restaurantes de alto padrão. A mercantilização destes novos padrões estéticos oriundos da classe criativa marca um processo de transformação na paisagem urbana, evidenciando um "compromisso histórico entre cultura e capital" (ZUKIN, 1989).

Considerando tal caso histórico da relação de cultura e valorização de um território, buscamos aqui compreender como a apropriação do bairro Floresta de Porto Alegre pela classe criativa¹ local está se produzindo, ao verificar diferentes percepções sobre a suposta

¹ O conceito de classe não é utilizado por Zukin no sentido de propriedade, capital ou meios de produção, mas enquanto agrupamento de caráter identitário que tem por base principalmente o papel econômico desempenhado pelas pessoas que compõem o grupo. Os profissionais enquadrados nesta categoria pressupõe um alto nível de instrução e certo grau de autonomia para pensar por conta própria.

“revitalização” desse território. Entende-se que as práticas criativas e suas formas de intervenção no território urbano proporcionam experiências físicas e sensoriais, que derivadas de uma imersão e comunhão cênicas, são capazes de reorientar ou recriar a paisagem enquanto construto e obra coletiva, contribuindo para a reapropriação de um território, trazendo assim desdobramentos não apenas espaciais, mas também sociais. Além disso, verifica-se uma construção coletiva operacionalizada sobre refugos materiais do passado, que por sua vez são ressignificados em suas “formas-conteúdo” (SANTOS, 2014 [1996]), redesenhando paisagens dialeticamente. Revelar as nuances da macro paisagem que se desenha é um dos objetivos deste trabalho.

Como metodologia para compreender tais percepções de mudança da paisagem, esta pesquisa realizou o levantamento de dados secundários junto aos indicadores disponibilizados pela Prefeitura de Porto Alegre tais como demografia, renda, escolarização e Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) referentes ao bairro Floresta. Foi também realizado um levantamento de bens imóveis inventariados em nível municipal a fim de verificar a quantidade de edificações a serem preservadas no processo de retomada da região. Por fim, aplicou-se um questionário misto (GIL, 2008) em uma amostra de vinte entrevistados, sendo estes moradores e frequentadores da área de estudo para que nos seja possível compreender as mudanças na apreciação simbólica do território, tomando por base relatos e narrativas dos usuários. Desta maneira, buscamos assim elaborar um panorama sobre a influência do capital cultural e das práticas criativas na transformação da paisagem, na revalorização de áreas desindustrializadas e na reinserção do patrimônio histórico industrial nas dinâmicas produtivas urbanas.

2. CONCEITO DE PAISAGEM

Neste item abordaremos as bases epistêmicas que orientarão a forma como o conceito de paisagem será operacionalizado neste trabalho, tendo por objetivo a verificação das mudanças ocorridas na paisagem da área de estudo e nas suas formas de fruição, diante da presença de atividades econômicas ligadas aos setores criativo e cultural.

Conceito amplamente utilizado na Geografia e nas Artes, a paisagem passa a integrar outros campos teóricos, como o do Planejamento Urbano, como um conceito que visa a análise e compreensão da complexa relação que se estabelece entre o espaço geográfico e a sociedade que o molda. Embora em sua origem conceitual esteja fortemente vinculada à representação dos componentes físicos que se enquadram dentro de uma determinada perspectiva, portanto bastante vinculada à percepção visual, ao dado real que se capta e visualiza imediatamente, teve sua conceituação ampliada a partir da mudança do paradigma

representacional, para a qual o movimento Impressionista teve papel fulcral, ao destacar através da pintura, os diferentes jogos de luz, sombra, movimentos que conformam distintas formas de ver e representar uma paisagem. Em um sentido mais abstrato, Cosgrove (1998) contribui afirmando que “A paisagem, de fato, é uma *maneira de ver* uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma *cena*, em uma unidade visual.” (p.98 - grifos do autor)

De acordo com Araújo (2009) foi na transição do século XIX para o século XX que ocorreu um rompimento da visão naturalista da paisagem para uma visão que concebe o papel fundamental do homem para a transformação da paisagem. No entanto, as concepções estatísticas e quantitativas que dominavam os estudos da geografia até a década de 1970 não permitiam a transmutação para uma concepção que colocasse a cultura como um elemento central para os estudos da paisagem. Neste sentido, destacamos a abordagem teórica desenvolvida pela geografia humanística que coloca “o conceito de paisagem enquanto espaço carregado de signos e rituais desenhados no lugar, isto, é no espaço do cotidiano dos grupos que interagem e transformam essa paisagem.” (*ibid*, p. 18). Entendemos que através de signos, ritualisticamente reforçados, as ideias abstratas adquirem certo grau de concretude materializando discursos ou narrativas culturais capazes de reificar uma paisagem e assim, torná-la naturalizada.

Berque (1998) coloca a paisagem como uma representação concreta do *sentido* que se estabelece na relação entre o espaço e a sociedade, sujeito coletivo (*ibid*, p.84). O *sentido*, culturalmente definido, e imputado a uma paisagem é o que torna a relação entre o sujeito coletivo e a paisagem, dialógica, fazendo-os simultaneamente autoproduzir-se e autoreproduzir-se (*ibid*, p.86), valendo-se para isso das formas de apreensão, das suas experiência com o mundo. Complementa o autor:

De fato, o que está em causa não é somente a visão, mas todos os sentidos; não somente a percepção, mas todos os modos de relação do indivíduo com o mundo; enfim, não é somente o indivíduo, mas tudo aquilo pelo qual a sociedade o condiciona e o supera, isto é, ela situa os indivíduos no seio de uma cultura, dando com isso um sentido à sua relação com o mundo. (ibid, p.87)

Do fragmento acima destaca-se a defesa do autor quanto à construção da paisagem a partir de formulações provenientes de um sujeito coletivo. Não é apenas o indivíduo, enquanto ser ontológico, que a percebe e a constrói ou reconstrói, mas sim todo o peso das relações sociais que o condicionaram, situando-o culturalmente.

A abordagem de Cosgrove (1998), sobre o conceito de paisagem, coloca em questão a dimensão da multiculturalidade que caracteriza um local, “lugar simbólico, onde muitas culturas se encontram e talvez entrem em conflito” (*ibid*, p.93). O autor coloca portanto o componente da cultura, entendida como qualquer transformação na natureza engendrada pela ação humana, como um elemento central para a leitura da paisagem. No mesmo patamar da cultura, uma vez que compreende que a maioria das pessoas, fruto de uma construção cultural, vivem em sociedades que conservam algum grau de estrutura hierarquizada, situa as estratégias de poder como determinantes para uma leitura mais refinada da paisagem. É a partir desta perspectiva que propõe a identificação de grupos vinculados ao que chamou de culturas dominantes e culturas subdominantes ou alternativas.

A cultura dominante possui uma paisagem característica, tipificada, em dado aspecto, hegemônica, cotidianamente reforçada e pode dar-se em relação a diversos aspectos, tais como classe, gênero, etnia, idade, religião. As culturas subdominantes ou alternativas, também podem ser divididas nos mesmos termos, porém subdivididas enquanto “residuais (que sobraram do passado), emergentes (que antecipam o futuro) e excluídas (que são ativas ou passivamente suprimidas) como as culturas do crime, drogas ou grupos religiosos marginais” (*ibid*, p. 105). No entanto, o autor argumenta que a determinação do caráter dominante ou subdominante de uma cultura está condicionado também a uma variável escalar “as culturas alternativas são menos visíveis na paisagem do que as dominantes, apesar de que, com uma mudança na escala de observação, pode parecer dominante uma cultura subordinada ou alternativa.” (*ibid*, p.116), logo sua determinação é, essencialmente, relacional.

Em Azevedo (2006), a paisagem aparece como “uma problemática de alteridade e subjetividade” (*ibid*, p.6) e como “uma ideia e uma experiência produzida criativamente pelo ser humano, sendo modelada por critérios culturais apreendidos. Estes critérios estão ligados à evolução da relação entre sujeito e objecto, entre o ser humano e o ambiente físico.” (*ibid*, p.207). Para a autora, o conceito de paisagem desenvolveu-se como uma tecnologia capaz de permitir a organização da experiência humana com o outro e com o mundo. Os significados atribuídos a uma determinada ideia de paisagem encontram sentido a partir da experiência e constituição cultural do observador, e induz a um específico modo de ver, de sentir, de experienciar esta paisagem, esteticamente valorada por aquele que a percebe enquanto tal.

Depreende-se daí a força dos aparatos cognitivo e cultural que organizam as formas de percepção da paisagem desde uma perspectiva experiencial, ao mesmo tempo individual e

coletiva, onde elementos presentes em um determinado espaço topológico são destacados ou eclipsados conforme valorações psíquicas subjetivas ou, ao contrário, conforme critérios racionalmente eleitos. No embate entre as múltiplas culturas, os valores subjetivos apreendidos e os racionalmente representados, são articulados de forma a construir uma determinada narrativa que se pretende legitimar e difundir, através de uma paisagem instituída desde o campo da memória e do imaginário, cristalizando relações de pertencimento ou exclusão.

2.1 DA PAISAGEM DE PRODUÇÃO À PAISAGEM DE CONSUMO

O processo de transição de um sistema econômico tradicionalmente industrial para uma organização produtiva baseada em serviços e conhecimento tem se refletido em mudanças na dinâmica de produção do espaço urbano. A cada mudança dos referenciais técnicos da sociedade, novas formas de relação com o espaço urbano são instituídas. Dentro das lógicas de investimento e desinvestimento econômico, determinados locais podem vir a tornar-se marginais às dinâmicas da produção, e também potencialmente marginais às dinâmicas urbanas. No entanto, este mesmo local pode adquirir status de local candidato ao redesenvolvimento a partir de novos sistemas de produção ou de sistemas de preferências nascidos no seio de uma sociedade. Não há um ponto de reconversão entre os distintos sistemas que os demarquem nitidamente, há uma lenta transição que pode ser lida através da coexistência de distintas estruturas e formas de organização espacial.

Nas sociedades que experimentaram a passagem da era moderna para a pós-moderna, o lugar como lócus de produção cedeu espaço ao lugar como lócus de consumo (ZUKIN, 2000), valendo-se de prerrogativas culturais, de sistemas de preferências valorados pelo mercado. Nesta transição, tem papel fundamental a “forma da arquitetura de fantasia que age literalmente como um palco para o consumo” (ibid, p. 91), um consumo visual atuando dialeticamente na reprodução de paisagens imagéticas. “Nessas imagens, consumimos o que imaginamos e imaginamos o que consumimos.” (ibid, p. 101) através de cenários que criam um sentido de lugar com identidades socioespaciais vinculadas a formas de consumo do e no espaço.

Estudos de consumo de cultura (FEATHERSTONE apud RUPERT, 2006; SCOTT, 2001) demonstraram que o crescente fator simbólico de produtos se fez sentir no incremento de economias locais, resultando em uma convergência entre o desenvolvimento cultural e econômico, uma vez que quase toda a produção de bens de consumo atual está engajada no desenvolvimento de atributos subjetivos. Isto resulta, na era da economia do conhecimento, na proliferação de empresas pertencentes às chamadas “indústrias criativas”

composta por negócios relacionados à moda, design, audiovisual, artes visuais, museus, espaços culturais, ao turismo cultural e áreas afins, que por suas características particulares, demandam novas formas de relação com o espaço urbano, dando origem a novos arranjos técnicos e espaciais construídos sobre bases de paisagens residuais de tempos pretéritos, orquestrando novas formulações da paisagem.

2.2 RESÍDUOS DA PAISAGEM: O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL NA ERA DA ECONOMIA DO CONHECIMENTO

Segundo Choay (2006 [1992]), um sistema solidário de pensamento e valores quanto à "identificação, proteção, conservação, valorização e transmissão do patrimônio cultural" (*ibid*, p.208) foi universalizado a partir da Convenção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, da Assembleia Geral da Unesco, ocorrida em 1972, que estabeleceu o conceito de patrimônio cultural com base no conceito de monumento histórico (monumentos, conjuntos de edifícios, sítios arqueológicos) e no seu valor "excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência".² Seguindo-se a este movimento, foi imposta "uma *expansão tipológica* do patrimônio histórico" (*ibid*, p.209 - grifos da autora) que passa a abarcar elementos representativos do progresso técnico e das mudanças estruturais dos modos de produção econômico, pautados na identificação do valor simbólico, afetivo, documental de determinado período de desenvolvimento da civilização. Desta forma, os vestígios materiais deixados pelas indústrias passam a integrar as políticas de salvaguarda patrimonial.

Em 2003, a carta de Nizhny Tagil, elaborada pelo TICCIH (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage), reitera que "os edifícios e as estruturas construídas para as atividades industriais, os processos e os utensílios utilizados, as localidades e as paisagens nas quais se localizavam, assim como todas as outras manifestações, tangíveis e intangíveis, são de uma importância fundamental." A carta manifesta diversas justificativas para a preservação, uso e benefício do patrimônio industrial para o presente e o futuro, dentre os quais destacamos:

O patrimônio industrial reveste um valor social como parte do registro de vida dos homens e mulheres comuns e, como tal, confere-lhes um importante sentimento identitário. Na história da indústria, da engenharia, da construção, o patrimônio industrial apresenta um valor científico e tecnológico, para além de poder também apresentar um valor estético, pela qualidade da sua arquitetura, do seu design ou da sua concepção. (The international Committee for the Conservation of Industrial Heritage, 2003)

² Cf. UNESCO (1983), *apud* Choay (2006 [1992]).

A defesa e proteção do legado industrial justifica-se para além de seu caráter meramente material, seja ele tecnológico ou estético. Parte de seu valor recai sobre a memória cultural, relacionada às estruturas sociais que estavam associadas às tipologias construtivas ou aos arranjos organizacionais próprios de um estágio ímpar do progresso socioeconômico de uma comunidade.

A valorização da herança industrial foi potencializada em parte porque seus "edifícios isolados, em geral de construção sólida, sóbria e de manutenção fácil, são facilmente adaptáveis às normas de utilização atuais e se prestam à múltiplos usos, públicos e privados." (CHOAY, 2006[1992], p.219), possibilitando uma reconversão de edifícios tanto favorável à conservação histórica quanto à economia logística. Este pensamento conjugado às dinâmicas fundiárias próprias das cidades contemporâneas, muitas vezes subjugada à influência e ação do capital especulativo, trouxe à tona um fenômeno que vem ao encontro dos debates técnicos que pretendem encontrar uma solução para o problema crônico e recorrente nas cidades que experimentaram um passado de desenvolvimento atrelado à produção industrial, através da refuncionalização das estruturas edificadas e da reconversão econômica de áreas abandonadas.

Nas décadas de 1980 e 1990, a institucionalização deste fenômeno já era sentido em algumas cidades, sobretudo dos países desenvolvidos, e valia-se de iniciativas mais ou menos espontâneas advindas de grupos sociais específicos, notadamente jovens artistas e intelectuais, que atraídos pelas características das edificações disponíveis do período industrial e pela morfologia dos espaços urbanos nos quais elas estavam inseridas, acabavam ocupando-as devido à flexibilidade que essas edificações pareciam proporcionar - elas possuíam características que casavam perfeitamente com seus estilos de vida e também com as atividades criativas desempenhadas, e além disso, ofereciam grandes vantagens econômicas, devido ao custo relativamente baixo imputado a elas - fruto de uma trajetória de abandono e degradação. Este movimento, que combinava alto capital cultural e inicialmente baixo capital econômico, acabava originando novas formas de apropriação, favorecendo a reintegração dessas áreas às dinâmicas econômicas de produção e consumo no período pós-industrial, e assim potencializava os índices de capital econômico circulante.

3. CONTEXTO LOCAL

O lócus definido para este estudo encontra-se no município de Porto Alegre/RS, em uma área que, em anos recentes, passou a abrigar diversos empreendimentos ligados aos setores culturais e criativos e em torno do qual emerge um discurso proveniente de iniciativas tanto civis quanto governamentais que visam instituí-lo enquanto território criativo.

As análises aqui operadas recairão sobre as imediações da Associação Cultural Vila Flores³, por entendermos que esta tem atuado como um catalisador das atividades culturais e criativas na região, contribuindo para a transformação da paisagem em seu entorno imediato. Define-se como recorte espacial o quadrante conformado pelas Av. Farrapos, Rua Sete de Abril, Av. Cristóvão Colombo e Rua Gaspar Martins, conforme figura 1.



Figura 1 - Delimitação área de estudo. Fonte: elaboração das autoras sobre base do Google Earth.

Geograficamente a área em questão integra a região conhecida como IV Distrito⁴ e, mais precisamente, o bairro Floresta. Em termos práticos, trata-se de uma área intra-urbana pericentral, logo, bastante próxima do centro cultural, administrativo e comercial da cidade, privilegiada em termos de acessibilidade, uma vez que a proximidade espacial com a rodoviária e com o aeroporto permite fácil conexão com as mais diversas localidades, sejam elas nacionais ou internacionais, conectando a localidade aos circuitos econômicos globais. Todavia, a área apresenta algumas peculiaridades pois é adjacente ao bairro Moinhos de Vento, um dos bairros de maior valorização fundiária e de serviços, cujo IDHM é superior à média municipal, e também adjacente à região de pior IDHM, o Loteamento Santa

³ Associação sem fins lucrativos, formalizada em 2014. Atua na gestão do espaço e da programação cultural do complexo arquitetônico Vila Flores e na articulação de parcerias entre poder público, iniciativa privada e sociedade civil.

⁴ O IV Distrito não é uma divisão territorial oficial da cidade; hoje a cidade organiza-se por regiões de planejamento e bairros. A divisão do território do município de Porto Alegre em distritos permaneceu vigente até a década de 1950, quando então os 9 distritos que compunham o território passaram a ser desmembrados em bairros. Esta é portanto, uma definição que resgata definições anteriores do planejamento territorial do município, como forma de delimitar uma região com características históricas, sociais e morfológicas semelhantes visando o planejamento estratégico. A região, sob esta nomenclatura, aparece destacada nas estratégias de estruturação urbana, qualificação ambiental, promoção econômica e produção da cidade como espaço de revitalização urbana com reconversão econômica, definidas pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Porto Alegre, e é composta pelos bairros Floresta, São Geraldo, Marçílio Dias, Navegantes, Farrapos e Humaitá.

Terezinha, cujo IDHM corresponde à cerca de metade do bairro Moinhos de Vento, relação evidenciada na tabela 1.

Tabela 1 - IDHM.

Ano	Porto Alegre	Floresta	Moinhos de Vento	Lot. Santa Terezinha
2010	0,805	0,835	0,958	0,482

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano, 2013.

A área pertence a uma região que historicamente desenvolveu-se na esteira de uma forte industrialização do município, quando então Porto Alegre era uma das cidades mais industrializadas do Brasil. É importante observar que o início de seu desenvolvimento, de forma mais constante, deu-se a partir da inauguração, em 1909, da linha de bondes de tração elétrica que passava pelas suas proximidades⁵, o que contribuiu para a instalação de grandes indústrias, como a cervejaria Bopp, Sasse, Ritter e Cia LTDA⁶. Com a chegada das indústrias e diversos serviços na região, não tardou para que seus funcionários, fixassem moradia nas suas proximidades, dinamizando ainda mais o seu desenvolvimento. A região experimentou então um momento de apogeu, com grande desenvolvimento urbano e vida intensa proporcionados pela multiplicidade de funções urbanas combinadas.

No entanto, como em muitas cidades do mundo, a região acabou sofrendo um processo de desindustrialização, pois teve sua dinâmica urbana alterada em decorrência de diversos fatores, como por exemplo a grande enchente que atingiu a região em 1941, mas principalmente em decorrência das políticas públicas, fiscais e urbanas, que fizeram com que as indústrias migrassem para regiões periféricas, que naquele momento ofereciam maiores vantagens econômicas e/ou logísticas.

⁵ Cf. SPM PMPA.

⁶ Cf. Rios, R.



Figura 2 - Bairro Navegantes, pertencente ao 4º Distrito, na enchente de 1941. Ao fundo, a fábrica de tecidos Renner. Fonte: GUIMARAENS, 2009, p. 71

As legislações urbanísticas, em especial a Lei nº 2046, de 1959, e o 1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), de 1979, atuaram de maneira determinante para a alteração da dinâmica urbana da região ao instituí-la como zona de uso predominantemente industrial, numa tentativa de fixar as indústrias no município ao mesmo tempo que visava reforçar a sua vocação industrial. As decorrentes restrições impostas para o uso residencial teve por efeito colateral o esvaziamento da região. A inobservância governamental com as particularidades e dinâmicas da região, e o descompasso do planejamento urbano em acompanhar as demandas da indústria em processo de transformação tecnológica, aliados ao desinteresse de investimento por parte do capital privado, contribuíram para a conformação de uma paisagem edificada residual, composta por um patrimônio edificado subutilizado, abandonado e em decadência, dando origem a um cenário que passou a comportar elevados índices de violência, de prostituição, de consumo e tráfico de drogas.

Como resquício do período de apogeu, a região do IV Distrito conta com 526 bens imóveis inventariados como de estruturação, 392 como de compatibilização e 7 tombados⁷, configurando as bases morfológicas da paisagem na atualidade. Especificamente no quadrante delimitado para este estudo, encontram-se 140 bens imóveis inventariados, sendo que nenhum destes é tombado, mas 74 são de estruturação e 66 de compatibilização, representando cerca de 45% dos lotes que delimitam ambos os lados dos

⁷ Imóveis tombados devem ter suas características internas e externas originais preservadas. Os imóveis de estruturação devem ter suas características externas preservadas. Já os imóveis de compatibilização podem ser substituídos por novas construções desde que se mantenha a mesma volumetria.

logradouros incluídos no quadrante destacado, demonstrando que existe uma possibilidade latente de modificação dos componentes estéticos da paisagem local.

Em termos demográficos, conforme observa-se na tabela 2, o bairro Floresta obteve um acréscimo populacional de 3,68% entre os anos 2000 e 2010, em um movimento contrário ao ocorrido entre os anos de 1991 e 2000 onde sofrera um decréscimo populacional numa taxa negativa de 5,73% ao ano⁸. Observa-se ainda que o aumento populacional verificado no bairro entre os anos 2000 e 2010, deu-se apenas nas faixas etárias compreendidas pelos jovens, adultos e idosos. Os índices de crescimento entre crianças e primeira infância, foram negativos, seguindo a tendência de crescimento negativo para estas faixas etárias no município.

Tabela 2 - População total (habitantes).

Ano	Porto Alegre	Floresta
2000	1.360.590	15.493
2010	1.409.351	16.085

Fonte: ObservaPoa.

O rendimento médio dos responsáveis pelo domicílio, conforme tabela 3, diminuiu 52,83%, superior à queda no rendimento médio no município de Porto Alegre, que foi de 46,73% para o mesmo período compreendido entre os anos 2000 e 2010.⁹

Tabela 3 - Rendimento médio dos responsáveis pelo domicílio, em salários mínimos.

Ano	Porto Alegre	Floresta
2000	9,93	12,64
2010	5,29	5,96

Fonte: ObservaPoa.

Observa-se também que em dezembro de 2015 foi aprovada a lei que redefine os limites de alguns bairros porto alegrenses, dentre os quais encontra-se o bairro Floresta: uma parte de seu território a sul da Av. Cristóvão Colombo foi anexada ao bairro Moinhos de Vento, ao passo que a região a norte da Av. Farrapos, incluso o Loteamento Santa Terezinha, foram anexados ao bairro Floresta. Tal delimitação certamente acarretará em modificações futuras nos dados secundários aqui apresentados.

⁸ Cf. WIKIPÉDIA.

⁹ Vale ressaltar que tal queda na quantidade de salários mínimos tanto na cidade quanto no bairro se deve, sobretudo, ao fato de que o valor em 2000 era referente a R\$ 151,00 e em 2010, R\$ 510,00 mensais, evidenciando que o valor diário de remuneração do primeiro consistia em R\$ 5,03 e do segundo, R\$ 17,00 (DIEESE). Todavia, ainda é significativa a queda do rendimento médio no bairro Floresta em relação à média da cidade, uma vez que costumava ser consideravelmente superior, evidenciando relativo empobrecimento do bairro.

4. ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa de campo foi realizada em três datas e localidades diferentes: a Feira Modelo do bairro, localizada na Praça Bartolomeu de Gusmão¹⁰, que ocorre todas as terças-feiras à tarde; na Associação Cultural Vila Flores, localizado na esquina da Rua São Carlos com a Rua Hoffman e uma visita a estabelecimentos diversos no entorno da Rua São Carlos. Foram aplicados 20 questionários mistos, sendo 10 na Vila Flores e 10 no território externo. Deste universo, a amostra identificou 6 residentes do bairro (30%) e 14 (70%) não-residentes.

A amostra contou com 8 (40%) respondentes do sexo masculino e 12 (60%) respondentes do sexo feminino. Em relação à faixa etária, a amostra obteve heterogeneidade: 25% entre 19-30 anos, 30% entre 31 e 40 anos, 20% entre 41 e 50 anos e 25% acima de 51 anos. Igualmente, em relação ao nível de escolarização da amostra, 10% dispunha de Ensino Fundamental, 20% Nível Médio, 15% superior incompleto, 30% superior completo e 25% pós-graduação. Vale ressaltar que foi percebido um elevado grau de escolarização dentre os visitantes da Vila Flores em comparação aos entrevistados em seu entorno. Superior também ao tempo médio de escolarização dos responsáveis por domicílios residentes do bairro que no ano de 2010 era de 10,97 anos¹¹, ou o equivalente ao ensino médio completo, aproximadamente.

Quanto às finalidades de uso do bairro¹², 12 entrevistados trabalham no bairro, 11 o utilizam principalmente como destino de lazer e atividades culturais, 6 são residentes e apenas 2 entrevistados utilizam o bairro como destino de compras/consumo. Em relação aos lugares frequentados no bairro¹³, a Vila Flores se destacou como destino de 10 entrevistados, seguido pela Feira Modelo (8), o supermercado da rede Zaffari (7), o Shopping Total (6) e a Casa Cultural Tony Petzhold (2). Em menor número, também foram mencionados uma vez cada um dos seguintes estabelecimentos: bar, restaurantes, ferragens, curso de literatura, escola de flamenco, farmácia, entre outros. Tais dados evidenciam a multiplicidade de serviços e comércio presente no bairro, mas vale destacar que a maior parte dos entrevistados são, principalmente, frequentadores dos lócus onde se deram as entrevistas: a Feira e a Vila Flores.

¹⁰ Também conhecida por Praça Florida.

¹¹ Cf. Observa Poa.

¹² Questão com mais de uma opção de resposta.

¹³ Pergunta aberta aos entrevistados.

A seguir, buscou-se construir tipologias da paisagem, onde a amostra deveria classificar o perfil do bairro. A tabela abaixo evidencia as características percebidas. Os entrevistados podiam marcar múltiplas respostas.

Gráfico 1 - Percepção do bairro



Fonte: Elaboração das autoras.

A partir do gráfico, pode-se inferir que as principais características apresentadas são “comercial” e “histórico”, aparecendo com maior unanimidade entre os entrevistados. Em seguida, “residencial”, “bairro de serviços” aparecem também definindo os usos percebidos pelos usuários do espaço. No item “outros”, foram mencionados “empreendedor”, “carece de segurança pública”, “movimentação cultural”, “ambiente de vizinhança”, “familiar, apesar da prostituição”.

Em relação a atribuições mais subjetivas, a característica “acolhedor” se destacou entre 70% dos entrevistados, enquanto “hostil” foi mencionado por apenas cinco entrevistados, tanto residentes e visitantes. Tal dado parece contrastar com a percepção de “seguro” (3 respostas) e “inseguro” (13 respostas). Neste ponto, vale ressaltar que alguns entrevistados mencionaram quais consideram os problemas de segurança do bairro: assaltos, muitos usuários de drogas e o aumento da “chinelagem” nas palavras de um entrevistado aposentado residente do Albergue Municipal do bairro há 12 anos. Alguns entrevistados atribuíram a insegurança à cidade de Porto Alegre, para além de uma problemática específica do Floresta. Nenhum entrevistado relatou experiência pessoal de assalto ou violência.

As transformações percebidas no bairro constituíram a pergunta central do estudo: 11 (55%) afirmam que o bairro melhorou, 4 (20%) consideram que piorou e 5 (25%) não percebem transformações na região. Quando solicitados a explicar suas respostas, aqueles que verificam pioras mencionaram o aumento de moradores de rua, pedintes, usuários de crack, violência e assaltos diários.

Uma entrevistada vê o bairro “em processo de revitalização e melhorando muito” diz já estar “acostumada” com o visual do bairro; em contrapartida, sua irmã visitou a Vila Flores uma única vez e teve a percepção de um bairro degradado, o qual “não moraria”. Nesta fala, verificamos como uma determinada assimilação estética e afetiva da entrevistada entrou em ação na percepção oposta à da irmã: ela acha o bairro acolhedor e consegue vê-lo em transição a partir do ambiente de criatividade com o qual convive.

Muitas destas melhorias são atribuídas a dois novos empreendimentos: a Vila Flores e Hostel Boutique¹⁴, também localizado na mesma rua. O hostel, em atividade há cinco anos, promoveu a iluminação pública na rua e a revitalização da praça, sendo um agente reconhecido pela Associação de Moradores do Bairro Floresta por sua atividade. Dentre as melhorias, também foram lembradas: a iluminação pública, a diminuição da prostituição na Rua São Carlos, estar mais movimentado, estar “em revitalização”.



Figura 3 - Conjunto arquitetônico sede da Associação Cultural Vila Flores. Localizado na Rua

¹⁴ Localizado na Rua São Carlos, nº 545. Imóvel inventariado como de estruturação.

Hoffman, esquina com a Rua São Carlos. Imóvel inventariado como de estruturação. Autora: Renata Cardoso, 09 de novembro de 2015.

Observa-se ainda, de acordo com uma funcionária da Associação Cultural Vila Flores, que a interface com a vizinhança e comunidade local ainda é pouco expressiva, estes constituindo cerca de 10% dos visitantes do espaço.

Quanto à reinserção do patrimônio histórico industrial nas dinâmicas de produção urbanas contemporâneas, podemos afirmar que ocorre ainda de forma bastante embrionária, uma vez que a pesquisa identificou apenas três casos em que imóveis inventariados estão sendo utilizados para fins econômicos criativos ou culturais. São os casos da Vila Flores e do Hostel Boutique, ambos os conjuntos arquitetônicos inventariados como de estruturação, e o imóvel situado na Rua Gaspar Martins nº 549, inventariado como de compatibilização utilizado por um escritório de Arquitetura.



Figura 4 - Imóvel inventariado como de compatibilização. Localizado na Rua Gaspar Martins, nº 549. Autora: Renata Cardoso, 09 de novembro de 2015.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou explorar de que maneiras a paisagem do IV Distrito, especificamente o entorno da Associação Cultural Vila Flores, está sendo (re)produzida pelo discurso da criatividade emanada por esse centro cultural e colaborativo. Podemos inferir que há novas

formas de apropriação e uso, sobretudo da própria Associação, por grupos externos, residentes de outras regiões da cidade.

Percebe-se, dentre os frequentadores, novas relações afetivas com a Vila Flores que, todavia, pouco transbordam para o bairro. Há, de fato, uma transformação social na circulação de novos perfis socioeconômicos, de alta escolaridade relacionado a atividades culturais e novos empreendimentos ligados à economia criativa em alguns pontos-chaves do bairro, sobretudo casas colaborativas e centros como a Vila Flores, a Casa Tony Petzhold, Galpão Makers, entre outros, todavia a relação de muitos moradores do bairro com esses empreendimentos restringe-se a percepção de que algo está se movimentando: de mudanças incipientes. Quanto a transformação espacial do entorno analisado, ainda não é possível verificar mudanças representativas, embora a visita a campo tenha revelado a apropriação de uma edificação de valor patrimonial pela construtora e incorporadora Ivo Rizzo¹⁵, conforme figura 4.



Figura 4 - Moinho da fronteira LTDA, localizado na Rua Sete de Abril nº 404. Imóvel inventariado como de estruturação. Autor: Vinicius Pujol. 10 de maio de 2016.

Através da cultura e empreendimentos criativos, se estabelecem recodificações nos signos presentes no território, produzem-se subjetividades que corroboram à ideologia hegemônica desenvolvimentista de progresso capaz de solapar a paisagem pré-existente; não necessariamente no plano físico, mas também em novas acepções estéticas e de perfis socioeconômicos. Verifica-se um movimento estratégico do poder público de revitalizar a região por meio de incentivo à entrada do capital cultural e imobiliário, com forte argumento

¹⁵ Até o momento de fechamento deste artigo, não foi possível conhecer maiores detalhes sobre o programa e projeto arquitetônico previsto para esta edificação.

de preservação patrimonial mas que, até o momento, carece de políticas públicas incisivas para a real inclusão das culturas residuais e excluídas presentes no território.

Encontramos na área de estudo mais um caso onde a estética tem atuado como campo de regulamentação e manipulação de códigos simbólicos que se ligam às aspirações das culturas dominantes. Desta forma, podemos afirmar que o processo de reconversão econômica que se pretende instituir na região do IV Distrito, passa pela “produção de uma cultura da imagem que simbolicamente aumenta o apelo de certos lugares para certas pessoas” (RUPERT, 2006, p. 127 - tradução nossa). Vale ressaltar que, esta constatação não significa rechaçar o precedente de estetização ou tachá-lo de imediato como socialmente excludente, mas trata-se de, como defende Argan (1995), vicejar uma “refuncionalização mais orgânica” (p. 80) no processo de retomada de uma área histórica, a partir da compreensão de que um território é formador de tão variadas paisagens quanto variadas forem as formas culturais nele presentes. Conforme evidenciado pela pesquisa, observamos na área de estudo, a coexistência de múltiplas paisagens, algumas vezes em consonância, por vezes tangenciando e em outras completamente à margem das narrativas construídas em torno de artifícios culturais e criativos que pretendem a imposição de uma paisagem desde uma perspectiva única.

Finalmente, observa-se que as paisagens aqui identificadas poderão ainda originar novos desdobramentos teóricos quando uma investigação mais aprofundada da sociobiografia e dos registros etnográficos dos perfis entrevistados for realizada. A partir daí obter-se-á uma melhor compreensão das relações de pertencimento dos moradores e frequentadores com o bairro e com a cidade, desde paisagens culturalmente valoradas.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Vanessa Jorge de. *Lapa carioca, uma (re)apropriação do lugar*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, UFRJ, 2009.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fonte, 1995.

AZEVEDO, Ana Francisca de. *Geografia e cinema: Representações culturais de Espaço, Lugar e Paisagem na Cinematografia Portuguesa*. Tese de doutoramento. Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho. Portugal, 2006.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. Tradução Luciano Vieira Machado. 4ª ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006 (1992).

DIEESE, Salário mínimo nacional. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>, acesso em 26 de maio, 2016.

FLORIDA, R. *A ascensão da classe criativa*. Tradução Ana Luiza Lopes. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011 [2002].

GUIMARAENS, Rafael. *A enchente de 41*. 1ª ed. Porto Alegre: Libretos, 2009.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª Ed. Editora Atlas S.A. São Paulo: 2008.

LEY, David. *Artists, Aestheticisation and the Field of Gentrification*. Urban Studies, v.40.No. 12, 2527–2544, 2003.

OBSERVA POA. Observatório da cidade de Porto Alegre. Disponível em: http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?regiao=26_10_150, acesso em 26 de maio, 2016.

RUPERT, Evelyn Sharon. *The Moral Economy of Cities: shaping good citizens*. Toronto: University of Toronto Press, 2006

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4 ed. 8ª reimpressão. São Paulo: EDUSP, 2014 (1996).

SCOTT, Allen J. *The Cultural Economy of Cities*. London: Sage, 2000.

SPM PMPA, Secretaria de Planejamento Municipal, Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Disponível em: www.portoalegre.rs.gov.br/spm, acesso em 15 de fevereiro, 2015.

ZUKIN, Sharon. *Loft Living: Culture and Capital in Urban Change*. Newark: Rutgers University Press, 1989

_____, Sharon. *Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder*. In: ARANTES, A. A. (org). *O espaço da diferença*. Campinas, SP. Ed. Papius, 2000.

WIKIPEDIA. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_bairros_de_Porto_Alegre, acesso em 26 de maio, 2016.